

AGRICULTURA E MAR

Cientistas franceses alertam: fungicidas SDHI são tóxicos para abelhas e células humanas

Agricultura e Mar 14 Novembro 2019, 12:00

1

PARTILHAS



A Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA) rejeitou o estudo de Séralini em 2012 devido às “lacunas constatadas na concepção e na metodologia” da pesquisa, que concluiu que havia um alto risco de tumores na mama e de lesões hepatorrenais para os ratos alimentados com milho NK 603.



CIENTISTAS FRANCESES ALERTAM: FUNGICIDAS SDHI SÃO TÓXICOS PARA ABELHAS E CÉLULAS HUMANAS

Agricultura e Mar Actual 2 semanas atrás

Agricultura, Featured, Fertilizantes e Fitossanitários, Inovação Deixe um comentário

471 Visualizações

Uma equipa de investigadores franceses chegou à conclusão que os fungicidas da família SDHI, inibidores da succinato-desidrogenase, são tóxicos não apenas para fungos, mas também para minhocas, abelhas e células humanas. No entanto, a pesquisa está já a mostrar-se polémica, com organizações de agricultores franceses a relembrem o caso “Séralini”.

Num estudo publicado em 7 de Novembro na revista científica Plos One ([aqui](#)), a equipa liderada por Pierre Rustin, investigador do Inserm — Instituto Nacional da Saúde e da Pesquisa Médica, destaca a toxicidade de oito fungicidas da família SDHI (flutolanil, Fluopirame, boscalid, flowapyroxad, penflufen, pentiopirade, isopirazam e bixafena) em células humanas, bem como em minhocas e abelhas.

Estes cientistas franceses tinham já alertado sobre os riscos dos inibidores da succinato-desidrogenase em Abril de 2018, num **fórum publicado no jornal Libération** e co-assinado por oito pesquisadores, toxicologistas e médicos.

Falta de alertas de saúde

Após esse alerta, a Agência de Segurança Nacional de Saúde (ANSES) concluiu em Janeiro de 2019, depois de “examinar todos os dados científicos actualmente disponíveis” haver “falta de alertas de saúde que possam levar à retirada autorizações de introdução no mercado para estes fungicidas”.

A Agência, no entanto, lançou um “pedido de vigilância” a nível europeu e internacional e enfatizou “a necessidade de reforçar a pesquisa sobre os possíveis efeitos toxicológicos em humanos” .

Os fungicidas do grupo SDHI funcionam bloqueando uma etapa fundamental na respiração dos cogumelos, a fornecida pela succinato-desidrogenase (SDH). No entanto, a SDH “é um componente universal das mitocôndrias presentes em quase todos os organismos vivos”, explicam os pesquisadores franceses na sua publicação de 7 de Novembro.

O caso Séralini

Perante este novo estudo, são já muitas as organizações francesas de agricultores a relembrem o “Caso Séralini”. Gilles-Éric Séralini, biólogo molecular francês, consultor político e activista contra organismos e alimentos geneticamente modificados (OGM), publicou em 2012 um estudo que defendia a toxicidade a longo prazo do milho geneticamente modificado NK 603 tolerante ao glifosato. No estudo publicou fotografias de ratos com enormes tumores. A qualidade do trabalho de Gilles-Éric Séralini foi questionada e a sua publicação acabou por ser retirada das revistas científicas.

A Autoridade Europeia para a Segurança Alimentar (EFSA) rejeitou o estudo de Séralini em 2012 devido às “lacunas constatadas na concepção e na metodologia” da pesquisa, que concluiu que havia um alto risco de tumores na mama e de lesões hepatorrenais para os ratos alimentados com milho NK 603.

Em 2018, um novo estudo publicado na revista Toxicological Sciences, concluiu que uma dieta à base de milho transgénico ministrada durante seis meses a ratos não afectou a sua saúde nem o seu metabolismo, contradizendo a polémica pesquisado professor francês Gilles-Eric Séralini.

Família SDHI

A família SDHI é relativamente recente entre os fungicidas: a maioria das substâncias activas (excepto boscalid, carboxina e flutolanil) foram aprovadas depois de 2013.

Em França, a boscalid é a substância mais vendida dentro dessa família, mesmo se com as toneladas vendidas a diminuir significativamente nos últimos anos (menos de 200 toneladas em 2018 contra 600 toneladas em 2009), em favor de substâncias autorizadas mais recentemente, como bixafen, fluopyram e fluxapyroxad.

Segundo a União das Indústrias de Protecção de Plantas, os fungicidas da família SDHI representam 2% da tonelagem de fungicidas vendidos em França. São usados em tratamentos de sementes em culturas de campo, bem como em tratamentos aéreos para cereais, oleaginosas e muitas frutas e legumes.